



O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA PÚBLICA E AS PROPOSIÇÕES DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs): UM ESTUDO REFLEXIVO

Por Antonio Escandiel de Souza¹

Clarissa Nicolodi Dias²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discute o ensino da língua estrangeira (LE) na escola pública, as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e estabelece relação com as sugestões propostas pelo referido documento e o que efetivamente ocorre na sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são as orientações básicas e indispensáveis criadas pelo Ministério da Educação que orientam o ensino de todas as disciplinas nas escolas públicas brasileiras. Segundo os PCNs (2006, p. 5), “o objetivo deste material é contribuir para o diálogo entre professor e escola sobre a prática docente.” Servem, portanto, como uma forma de orientar escolas e professores sobre o que deve ser ensinado, quais as formas de ensinar, o que se deve levar em consideração, etc. É imprescindível que o professor se valha deste recurso para pautar sua prática pedagógica.

Esse documento prevê uma educação baseada nos princípios de cidadania, inclusão e democracia, visto que a sociedade contemporânea enfrenta dificuldades diversas relacionadas à falta de qualificação profissional, falta de ensino de qualidade, exclusão, evasão escolar, entre outros.

¹ Doutor em Linguística Aplicada; Diretor do Centro de Ciências Humanas e Comunicação (CCHC) da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), docente e pesquisador nesta mesma Universidade; e-mail: asouza@unicruz.edu.br

² Graduanda em Letras pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ); e-mail: clanicolodi@hotmail.com

Os valores familiares e morais estão se modificando, a sociedade está se transformando. De acordo com Chalita (2004, p. 30) “os novos valores, divulgados pela mídia, definem situações e não comportamentos”. Os jovens e a sociedade como um todo estão voltados para a busca de bens materiais, ao que esse mesmo autor chama de “crise moral”.

Esses problemas podem ser amenizados com uma educação voltada aos interesses do aluno, que se preocupe em fazer com que o educando sinta prazer em estar na escola, que se empenhe em conquistar o conhecimento.

Longe de ser um guia de como realizar a prática pedagógica, os PCNs servem de base, um instrumento para reflexão por parte dos professores e das escolas. Seria impossível pensar que através de um documento como este, haveria unidade no ensino brasileiro. Isto nunca acontecerá e nem é objetivo do Ministério da Educação. O que se quer é que os educadores sintam-se estimulados a refletir sobre sua atuação e aprimorá-la, para que realmente se possa falar sobre escola de qualidade.

2. A relação entre a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os PCNs

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi sancionada em 1996, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. É o documento que normatiza a educação no Brasil. Composta por 92 artigos contempla todos os aspectos educacionais que merecem destaque.

Os PCNs surgiram como uma forma de fazer valer o que está prescrito na LDB. Começaram a ser elaborados em 2004, a partir da necessidade de se discutir e de se refletir acerca do ensino público de nível médio. Consta como objetivos dos PCNs (BRASIL, 2006, p. 8):

[...] apontar e desenvolver indicativos que pudessem oferecer alternativas didático-pedagógicas para a organização do trabalho pedagógico, a fim de atender às necessidades e às expectativas das escolas e dos professores na estruturação do currículo para o ensino médio.

A elaboração dos PCNs teve de seguir o que está previsto na LDB. Dentre os aspectos constantes na LDB, artigo 35, para o papel do Ensino Médio na vida do educando, vale salientar:

- I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV – a compreensão dos fundamentos científico–tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

A partir do que prevê a LDB, os PCNs foram criados, priorizando a elaboração de orientações gerais, contemplando todas as disciplinas do currículo escolar, como também de orientações específicas para cada disciplina.

3. O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA CONFORME OS PCNS

Os PCNs abordam todos os aspectos relevantes no ensino da Língua Estrangeira (LE). Neles são citadas diversas contribuições de uma educação voltada aos interesses dos alunos, como: expansão das habilidades comunicativas e ampliação cultural, compreensão das diferentes formas de comunicação e da variabilidade dialetal, adequação linguística de acordo com o ambiente em que está inserido.

Nesse sentido, vale lembrar que, muito mais do que uma simples aula de regras gramaticais, as aulas de LE podem ser extremamente ricas, à medida que abrem espaço para que o estudante possa construir/reconstruir sua carga cultural e linguística. Os PCNs (BRASIL, 2006, p. 91) ressaltam que:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais.

Outro ponto importante abordado nesse documento é o fato da LE servir como colaboradora na função inclusiva e de desenvolvimento da cidadania na escola. A compreensão do que é ser cidadão abrange diversos aspectos, entre eles a posição que o aluno ocupa dentro da sociedade em que vive, quais os motivos que o levaram a estar ali, como ele se sente diante desta situação, etc. A LE, portanto, segundo os PCNs (BRASIL, 2006, p 97):

[...] propõe trabalhar no âmbito da formação de indivíduos, de cidadãos – se focalizar um aspecto já mencionado anteriormente: o de trabalhar em prol de uma “alfabetização” dos alunos (indivíduos, cidadãos) (SOARES, 2004) condizente com as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução.

Os alunos, a partir disso, passam a sentir-se sujeitos sociais, incluídos em uma sociedade que muitas vezes presta-se a excluir, porque sabem como expressar-se, como compreender o que vivenciam e sabem da sua importância enquanto cidadãos.

4. OS OBJETIVOS DO ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

No que se refere aos objetivos do ensino da LE, é importante que primeiro se delimite uma visão de linguagem mais ampla, vinculada aos contextos socioculturais aos quais se relaciona e que se considerem os conhecimentos prévios e a “bagagem” cultural que cada aluno possui para que se possa relacionar o que se aprende ao que já se sabe. Conforme os PCNs (BRASIL, 2006, p. 109):

[...] os novos conhecimentos introduzidos em determinada prática sociocultural ou determinada comunidade de prática entrarão numa inter-relação com os conhecimentos já existentes. Nessa inter-relação entre o “novo” e o “velho”, ambos se transformam, gerando conhecimentos “novos”. Para que ele se torne um processo crítico e eficaz, é importante evitar, nessa inter-relação, a mera importação do novo, sem promover a devida interação com o velho, por meio da qual tanto o recém-importado quanto o previamente existente se transformarão, criando algo novo.

Portanto, a partir da consideração do “velho” e da aceitação do “novo”, a educação em LE pauta-se em uma incorporação do que se aprende ao que já se é sabido, gerando uma reformulação, que se torna mais fácil quando feita dessa maneira, porque não tenta desconstruir o que já foi propagado.

Quanto à prática de ensino propriamente dita, é de suma importância que o professor conheça teorias linguísticas atuais que sustentam a utilização da gramática como um instrumento essencial, mas não como o único meio de ensinar uma língua. É inconcebível que em pleno século XXI, com diversos recursos, ainda se parta de palavras soltas, descontextualizadas.

O professor deve tentar fazer com que seus alunos compreendam a importância de estudar a LE para sua vida, fazendo com que assimilem a relevância da disciplina na escola. É necessário frisar que os objetivos da LE na escola são diferentes dos objetivos da LE em um curso de idiomas. Nessa perspectiva, os PCNs afirmam que, em muitos casos, há falta de clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas. Observa-se a citada falta de clareza quando a escola regular tende a concentrar-se no ensino apenas lingüístico ou instrumental da Língua Estrangeira (desconsiderando outros objetivos, como os educacionais e os culturais). Esse foco retrata uma concepção de educação que concentra mais esforços na disciplina/conteúdo que propõe ensinar (no caso, um idioma, como se esse pudesse ser aprendido isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos) do que nos aprendizes e na formação desses (Brasil, 2006, p. 90).

Os PCNs orientam que, no Ensino Médio, sejam trabalhadas as seguintes habilidades: leitura, comunicação oral e prática escrita. Sugerem ainda que essas habilidades sejam praticadas considerando a realidade social/local do grupo. Se a escola e o grupo estão voltados para o vestibular, devem ser utilizados textos que proporcionem exercícios e aperfeiçoamento para tal concurso, por exemplo, mas sem esquecer que questões objetivas sobre regras gramaticais não trabalham as três habilidades que se objetiva. São sugeridos, ainda, alguns temas para serem abordados, como: “cidadania, diversidade, igualdade, justiça social, dependência/interdependência, conflitos, valores, diferenças regionais/ nacionais”.

A questão da leitura e, além disso, a da compreensão dos textos é evidenciada como fundamental para o efetivo aprendizado de línguas. Todos os temas anteriormente citados devem ser tratados através de textos que proporcionem chegar até eles. Por isso, é vital o trabalho contextualizado, interativo e multidisciplinar. Os PCNs afirmam a separação e a redução são formas de aprendizagem presentes na educação há muito tempo. São válidas e funcionam na produção e na construção de conhecimento. O problema é quando essas formas se tornam únicas, ou prioritárias, ou fórmulas. O exercício constante apenas delas pode resultar na consolidação de um raciocínio linear e pouco criativo nos aprendizes. A escolha dos textos de leitura deve, por exemplo, partir de temas de interesse dos alunos e que possibilitem reflexão sobre sua sociedade e ampliação da visão de mundo, conforme a proposta educativa focalizada neste documento (BRASIL, 2006, p. 114).

Nessa ótica, de acordo com os PCNs, concretiza-se o principal objetivo da escola como um todo: formar cidadãos críticos, capazes de refletir sobre a própria vida e sobre a sociedade em geral.

5. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

É impossível abordar o ensino da LE sem mencionar o papel do professor nesse processo. Dessa forma, abre-se uma questão que tem gerado diversos debates e discussões: a formação continuada dos profissionais da educação.

Segundo Souza (2010), a sociedade vem sofrendo modificações devido à *globalização da informação*, o que faz com que se deva repensar as formas de aprender e ensinar a LE. Neste sentido, o autor afirma que a primeira questão a se abordar é o modelo universitário que se

conjuga em aulas teóricas e posteriores estágios para a “aplicação” dos conhecimentos. Essa maneira de formar professores apresenta sérios problemas, citados por Tardif (2002, *apud* Souza, 2010): idealização de uma lógica disciplinar que fragmenta o ensino e a falta de consideração da realidade dos alunos (“espíritos virgens”).

Souza (2010, p. 157), com base em Tardif (2002), sugere que “os pesquisadores universitários trabalhem nas escolas e nas salas de aula em colaboração com os professores, vistos não como sujeitos ou objetos de pesquisa, mas como colaboradores dos pesquisadores”. Isso faz com que se quebre o paradigma que muitos professores têm de que os pesquisadores vão até a escola para usá-los como cobaias de suas pesquisas, que, diga-se de passagem, pensam ser apenas aplicáveis a nível universitário.

As novas mídias e tecnologias disponíveis, como a internet, a TV a cabo, as páginas de relacionamento, abrem um leque de possibilidades para a ação educacional. No entanto, a utilização desses meios de ajuda ao ensino depende prioritariamente do interesse do professor em tornar suas aulas interativas, abandonando os antigos métodos de decoreba e tradução. Celani (2009) afirma que o professor deve ligar o que acontece na sala de aula ao que acontece fora da escola, utilizando letras de músicas, rótulos de produtos, textos de jornais, estampas de camisetas, etc.

Ainda há escolas e professores que mantêm o foco no ensino dos aspectos formais da língua. Quanto a isso e à necessidade da formação continuada, Celani (2009) salienta que é necessário valorizar o segundo idioma, entender qual a importância de aprendê-lo para a Educação do indivíduo – o que permite a ele entender o outro e as diferenças e estar inserido no contexto mundial atual. E também, é claro, dando formação inicial e continuada para os professores. Eles apenas repetem o que aprendem.

Ainda há um problema grave nas escolas: a falta de importância que os professores das outras disciplinas e os gestores das escolas dão para a disciplina de LE. Muitos acreditam que ela serve apenas preencher a carga horária mínima. Às vezes, nem mesmo os próprios professores de línguas têm noção do quanto à disciplina é importante para a inclusão (CELANI, 2009).

Outro ponto relevante é que, ao professor, é preciso que haja a consciência de que a sua trajetória estudantil vai além dos bancos universitários. Esse é, aliás, apenas o primeiro passo. São oferecidos diversos cursos de pós-graduação, aprimoramento, formação continuada. As escolas estão começando a investir no aprimoramento de seus profissionais, mesmo que, algumas vezes,

de forma equivocada. Não há mais lugar nas escolas e universidades para profissionais que não estão preocupados em qualificar-se, em buscar novas alternativas para suas práticas.

Não existe uma fórmula que seja a mais eficaz para se ensinar a LE e nem um professor que seja o mais eficiente em todos os aspectos. Porém, é fundamental que a qualificação e o interesse por estar sempre melhorando sejam os principais objetivos de quem ensina a LE e de quem trabalha com a educação na sua totalidade.

Celani (2001, *apud* SOUZA, 2006, p. 163) argumenta ser necessário ao professor de LE do futuro:

1. empenhar-se em afetar a vida de seus alunos (objetivo moral);
2. aprofundar o conhecimento pedagógico (conhecimento mais sofisticado sobre ensinar e aprender);
3. conscientizar-se sobre os amplos problemas da política educacional e desenvolvimento social;
4. trabalhar de modo interativo e colaborativo;
5. aprender a trabalhar em novas estruturas – redes de aprendizagem;
6. desenvolver o hábito e as habilidades de indagação e aprendizagem;
7. mergulhar nos mistérios, nos altos e baixos da complexidade dinâmica do processo de transformação.

Todos esses tópicos citados pela autora, à primeira vista, já refletem sua grandiosidade e sua importância. Ao professor, não basta dar sua aula, ele deve preocupar-se se realmente está interferindo e modificando quem o escuta, se está promovendo o conhecimento em forma de construção contínua. Essa é a real forma de ensinar e de fazer a diferença.

Afetar a vida do aluno significa, em primeiro lugar, fazê-lo compreender que a educação é a forma mais nobre de se tornar uma pessoa melhor, pois quem hoje é aluno, futuramente terá uma profissão e modificará a vida de outras pessoas. Significa também mostrar-lhe que a escola é o local onde todos são iguais, onde todos devem ter a sua opinião respeitada, onde todos evoluem. Os professores que assim pensam, demonstram que realmente estão preocupados com seus alunos e sabem da importância do seu papel.

6. ALGUNS MÉTODOS DE ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ao longo dos anos, pesquisadores e estudiosos têm discutido sobre qual a melhor maneira de trabalhar com a LE. Esse é um assunto bastante complicado, pois cada professor possui a sua forma de desenvolver as suas aulas. É importante, no entanto, que ele conheça o que está previsto nos PCNs para que possa fazer uso de metodologias condizentes com o desenvolvimento das habilidades que devem ser promovidas. Leffa (1988) cita alguns métodos que vêm sendo utilizados:

1. Abordagem da gramática e da tradução (AGT): trabalha o ensino da segunda língua a partir da primeira. As explicações ocorrem na língua materna do aluno e a ênfase está na forma escrita. De acordo com o autor, é o método que possui mais tempo de uso na trajetória do ensino de línguas, porém vem sofrendo críticas por deixar de lado o enfoque à oralidade, por utilizar como fonte de atividades livros, fazendo com que não haja necessidade do professor dominar o idioma, apenas os aspectos gramaticais. O intuito dessa abordagem está em tornar o aluno um apreciador da cultura e da literatura da segunda língua.
2. Abordagem direta (AD): trabalha somente com a segunda língua, fazendo um contraponto com a AGT. Todas as aulas são dadas utilizando o novo idioma, com ênfase na língua oral e a utilização de diálogos situacionais. Defende a ideia de que a segunda língua é aprendida à medida que o aluno consegue aprender a “pensar na língua”. Trabalha de forma que primeiro se conheçam situações para sistematização, e então a gramática vai aos poucos surgindo, mas sem qualquer enfoque de grande importância. Utiliza o método de repetição.
3. Abordagem para a leitura (AL): esse método surgiu a partir da preocupação com a língua oral, pois acreditava-se que esta não estava sendo priorizada no ensino nas escolas norte-americanas. O foco principal desta abordagem é desenvolver a habilidade para a leitura, por isso trabalha-se mais com exercícios escritos e questionários baseados em textos. É uma proposta de aliar a AGT com a AD, promovendo o enfoque para a escrita da primeira e a preocupação em expor o aluno à língua da segunda. A gramática apenas é necessária para auxiliar na compreensão do que está sendo lido.

4. Abordagem audiolingual (AAL): surgiu durante a Segunda Guerra Mundial devido à necessidade dos exércitos de formar falantes em pouco tempo. Consiste no aluno ouvir diálogos e falas em laboratórios de línguas e depois reproduzi-los oralmente. Defende que a língua é a fala e não a escrita, que ela é um conjunto de hábitos condicionados através do estímulo e resposta, que o aluno deve ser exposto a fatos, assim como na AD, que as línguas são diferentes, promovendo a comparação entre as línguas e suas culturas.

Há ainda outros métodos aos quais o autor se refere, todos utilizados para trabalhar com falantes de outros países, são eles:

- Sugestologia de Lozanov: que consiste em considerar os fatores psicológicos e ambientais, trabalho vocabular e das quatro habilidades ao mesmo tempo.
- Método de Curran: utiliza técnicas de terapia em grupo. Frases são pronunciadas, gravadas e depois repetidas.
- Método silencioso de Gattegno: são utilizados bastões e gráficos coloridos, que o aluno aprende a manipular e a partir das consultas ao gráfico, vai aprendendo a segunda língua. O professor quase não fala.
- Método de Asher: a LE é ensinada por meio de comandos. O aluno só irá falar quando sentir necessidade.
- Abordagem natural: defende que a fala tem de surgir naturalmente, como um uso inconsciente das regras.
- Abordagem comunicativa: preocupa-se em adequar a língua à situação. O aluno aprende a desenvolver estratégias para se comunicar.

Leffa ressalta que um fator ainda não estabelecido no ensino de línguas é até que ponto a metodologia empregada faz a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem. Às vezes, dá-se à metodologia uma importância maior do que ela realmente possui, esquecendo-se de que o aluno pode tanto deixar de aprender como também apreender apesar da abordagem usada pelo professor. As inúmeras variáveis que afetam a situação de ensino podem sobrepujar a metodologia usada, de modo que o que parece funcionar numa determinada situação não funciona não funciona em outra e vice-versa (1988, p. 229).

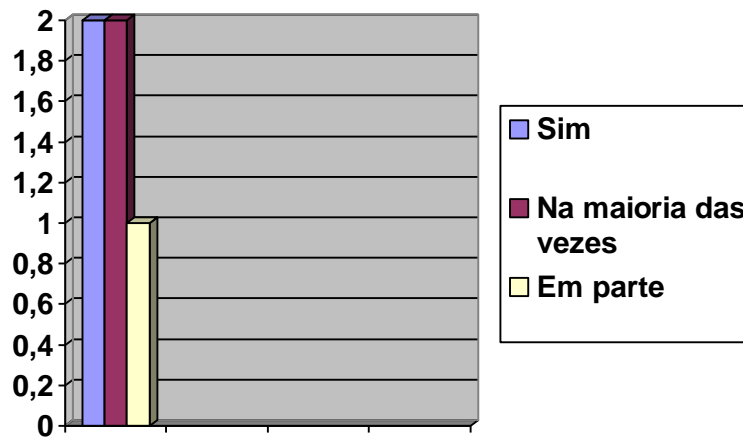
Há diversas correntes que defendem suas ideias, mas a verdade é que não há um método que seja o mais eficaz. A questão está em saber equilibrar o que cada um apresenta de mais útil ou significativo de acordo com cada contexto específico.

7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

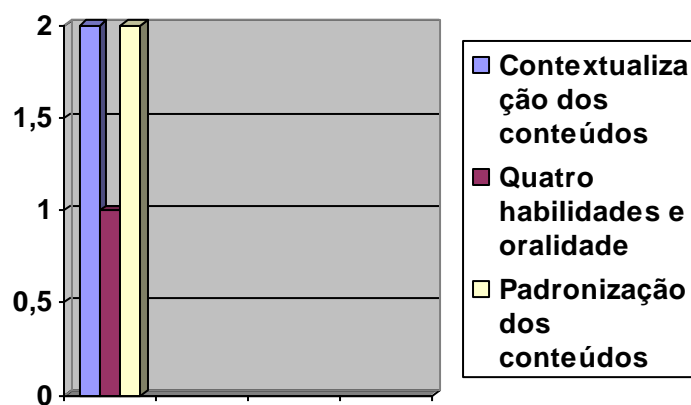
A pesquisa com os cinco professores de LE das escolas públicas de Ensino Médio de Cruz Alta - RS realizou-se através de questionários compostos por quatro questões discursivas. As questões propostas foram as seguintes:

- 1- Você se baseia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para planejar suas aulas de inglês?
- 2- Qual aspecto do documento você considera mais importante?
- 3- Como você costuma trabalhar a leitura em suas aulas de Língua Inglesa?
- 4- Qual a metodologia que você utiliza para desenvolver as habilidades básicas previstas nos PCNs para o ensino de Línguas Estrangeiras?

Na primeira questão, que se referia ao planejamento das aulas de acordo com os PCNs, dos cinco professores entrevistados, um professor respondeu que a escola elabora os conteúdos a partir do documento, o que mostra certo desconhecimento por parte do professor, uma vez que os PCNs não fornecem listas de conteúdos a serem seguidos, apenas citam maneiras de trabalhá-los, pois eles são específicos para cada escola, à medida que há diversos aspectos a serem considerados para que se delimitem quais os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas. Um respondeu que na maioria das vezes consegue acompanhar o que está previsto, considerando o nível da turma quanto aos conhecimentos de LE. Um professor afirmou que sim, embora também utilize projetos citados no curso Lições do Rio Grande. Um professor disse que na maioria das vezes segue os PCNs e um professor respondeu que os segue em parte, como ilustra o gráfico a seguir:



Na segunda pergunta, que questionava acerca do aspecto que o professor entrevistado considera mais importante dentre os PCNs, as respostas foram variadas. Um professor afirmou considerar importante a prática, a leitura e a interação entre os alunos e os conteúdos. Um respondeu que considera importante o estabelecimento de uma linha de atuação do professor quanto à unificação dos conteúdos desenvolvidos em cada série com o objetivo de preparar os estudantes para exames nacionais. Um professor considera a padronização um ponto relevante, pois iguala os aspectos gerais e abre também a possibilidade de adaptação do plano de aula quando houver necessidades específicas. Um professor demonstrou conhecimento do que preveem os PCNs, pois citou as quatro habilidades básicas e a importância do incentivo ao desenvolvimento da oralidade. Um professor considerou a contextualização dos conteúdos, pois afirmou aproximar o aluno daquilo que está aprendendo, fazendo-lhe perceber sentido nos conteúdos e permitindo a sua aplicação para resolver situações-problema. Para tanto, Lima (2002, p. 23) salienta que “quando os aprendizes experienciam dificuldades de comunicação, são levados a tornar sua produção mais precisa, coerente e exata”. O gráfico demonstra a relação entre os aspectos que são considerados importantes para cada professor:

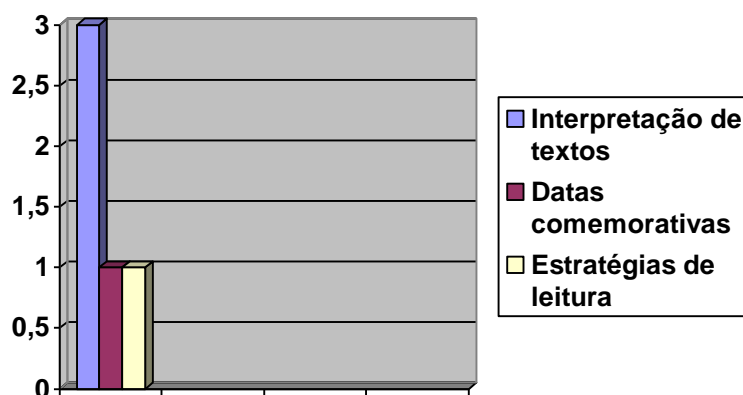


Na terceira pergunta, referente a como o entrevistado costuma trabalhar a leitura nas aulas de Língua Inglesa, as respostas foram diversificadas. Um professor respondeu que trabalha as estratégias de leitura como facilitadoras, são elas: localizar palavras cognatas, observar aspectos visuais do texto, leitura rápida para levantar hipóteses sobre o assunto do texto, leitura mais detalhada para localizar informações mais específicas, utilização do dicionário para entender o significado de palavras desconhecidas, mas somente como auxílio, sem traduções de textos na íntegra. Observa-se que essas estratégias são interessantes, pois permitem que aconteça o trabalho textual de uma forma menos cansativa, que não prioriza as traduções literais de que os alunos tanto detestam. Um professor respondeu que trabalha com pequenos textos elaborados e alguns retirados de livros, algumas vezes trabalhos individuais, outras em grupo. Um professor afirmou utilizar as datas comemorativas para associar a cultura com o domínio gramatical de estruturas norte-americanas. Neste sentido, com relação à cultura, os PCNs salientam que quando se fala em “outras culturas”, é comum que venha à mente do leitor a referência a outras culturas estrangeiras, de outros países que falam outras línguas. Essa é uma possibilidade. Mas com a ampliação dos estudos sobre cultura, pode-se também interpretar que essas “outras culturas” estão muito próximas de cada professor e aluno, em seus próprios meios de convivência (como é o caso da diversidade com a qual todos convivemos) (BRASIL, 2006, p. 97).

Um professor disse explorar a interpretação de textos, geralmente músicas, levando o aluno a identificar palavras cognatas, o assunto tratado, e depois o uso do dicionário. Outro docente afirmou trabalhar com textos diversificados, enfatizando o reconhecimento de gênero, assunto, objetivos textuais e aspectos gramaticais. Desta forma, os PCNs (BRASIL, 2006, p. 98) enfatizam:

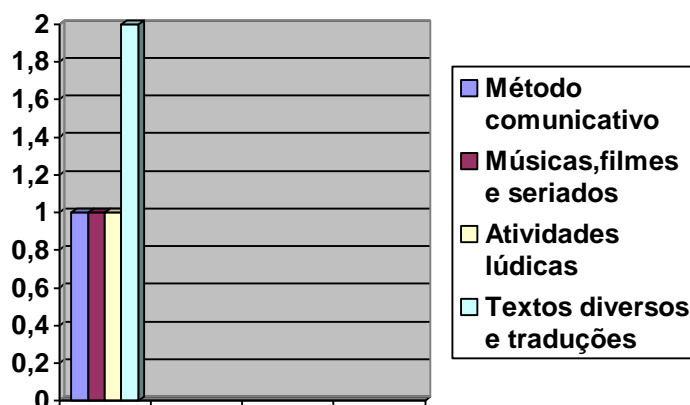
No que concerne à leitura, contempla pedagogicamente suas várias modalidades: a visual (mídia, cinema), a informática (digital), a multicultural e a crítica (presente em todas as modalidades). Procura desenvolver um leitor como aquele que entende que aquilo que lê é uma representação textual, como aquele que, diante do que lê, assume uma posição ou relação epistemológica no que concerne a valores, ideologias, discursos, visão de mundo. Com esse pressuposto, ensinar requer compreender esses conceitos, e também compreender: 1) como as pessoas utilizam a leitura (e para quê) em sua vida ou no cotidiano; 2) que a leitura tem a ver com a distribuição de conhecimento e poder numa sociedade; 3) que o tipo de desenvolvimento de leitura que se realiza resulta no desenvolvimento de um tipo de leitor (LUKE; FREEBODY,1997).

Portanto, o gráfico configura-se da seguinte maneira:



A quarta questão refere-se à metodologia utilizada para desenvolver as habilidades básicas previstas nos PCNs para o ensino de línguas. Um entrevistado ressaltou que procura levar o aluno a entender a proposta da LE, utilizando oralidade, gravuras, jogos, palavras cruzadas, música e associações com a gramática, unindo prática e conteúdo. Disse sempre levar em consideração a necessidade, os interesses e particularidades dos alunos, visto que são estudantes do período noturno, que trabalham e desistem com facilidade dos estudos. Outro profissional questionado afirmou aliar os assuntos culturais e gramaticais à realidade do aluno, considerando suas preferências. Utiliza filmes, música, seriados, livros e programas educativos. Um professor relatou

que utiliza música, leitura, traduções e exercícios gramaticais. Já outro, argumentou que privilegia o método comunicativo, envolvendo as quatro habilidades. Considera importante aliar a gramática ao texto, através de exercícios de compreensão auditiva, jogos, músicas. Outro professor entrevistado disse que trabalha por meio de exercícios estruturais, tradução e produção escrita a partir de filmes, canções, vídeos e textos diversificados. O gráfico representativo apresenta-se da seguinte forma:



Pode-se afirmar que, de uma forma geral, a maioria dos professores apresenta um enfoque semelhante do ensino da LE. Alguns, entretanto, ainda estão trabalhando com traduções e gramática, de forma que não consideram as habilidades de ler, escrever, falar e escutar.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, procurou-se refletir acerca de como ocorre o ensino da LE nas escolas públicas de Ensino Médio no município de Cruz Alta- RS, a fim de comparar as práticas e metodologias utilizadas por professores com o que está previsto nos PCNs.

A escola e a educação como um todo vêm enfrentando problemas que podem ser amenizados com um olhar por parte do professor voltado aos interesses do aluno, que se preocupe em fazer com que o aprendiz sinta prazer em estar na escola, que se empenhe em adquirir conhecimento.

Nesse sentido, vale lembrar que, de acordo com o que está previsto nos PCNs, muito mais do que uma simples aula de regras gramaticais, as aulas de LE podem ser extremamente ricas, à

medida que abrem espaço para que o aprendiz consiga (re)construir sua carga cultural e linguística.

Nos PCNs são abordados todos os aspectos relevantes no ensino da LE. Neles são mencionadas diversas contribuições de uma educação voltada aos interesses dos alunos, como: expansão das habilidades comunicativas e ampliação cultural, compreensão das diferentes formas de comunicação e da variabilidade dialetal, adequação linguística de acordo com o ambiente em que está inserido.

Este trabalho nos possibilitou perceber que, em parte, que alguns professores de LE ainda não possuem o conhecimento suficiente do que propõem os PCNs, e quando os conhecem, não conseguem colocá-los em prática de forma efetiva, por vários motivos. Um deles são os poucos períodos semanais em cada turma, o que dificulta um trabalho mais dinâmico e contextualizado. Outro ponto negativo observado é a carência de professores, uma vez que, na maior escola estadual da cidade, há apenas dois professores para atender diversas turmas em três turnos.

Um aspecto positivo a se considerar, é que, diferente do que se supunha, os professores entrevistados demonstraram algum conhecimento dos PCNs, mesmo que não aprofundado.

Pode-se afirmar, portanto, que os objetivos da pesquisa foram atingidos em parte, pois acreditava-se que os professores tivessem menos conhecimento do que demonstraram sobre os aspectos abordados nos PCNs. Os dados levantados evidenciaram que os professores entrevistados conhecem o conteúdo do documento, alguns mais e outros menos. Este fato foi considerado como positivo pelo estudo realizado.

REFERÊNCIAS

CELANI, Maria Antonieta Alba. "Não há uma receita no ensino da língua inglesa". **Revista Nova Escola**, Ed. 222, maio de 2009.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17 ed. São Paulo: Gente, 2004.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.

LDB. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996. Disponível online: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 14 de outubro de 2010.

LIMA, Marília dos Santos. Aquisição de L2/LE e o insumo instrucional na sala de aula. In: **Século XXI: um novo olhar sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras**. Passo Fundo: UPF, 2002.

PCNs. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 2006. Disponível online: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em 15 de junho de 2010.

SOUZA, Antonio Escandiel de. O perfil do profissional de língua estrangeira. In: **Antologia em prosa e verso XII**. Santa Maria: Associação Santa–Mariense de Letras, 2006.

_____. A formação do professor de língua estrangeira: breves reflexões. In: **Em prosa e verso II**. Santa Maria: Academia Santa–Mariense de Letras, 2010.

KRAFTA, Lina. *et al.* **O Método da Pesquisa–Ação**: um estudo em uma empresa de coleta e análise de dados. Disponível online: <http://www.quantiquali.com.br/revista/arquivos/O%20Metodo%20da%20Pesquisa%20-%20Acao%20-%20um%20estudo%20em%20uma%20empresa%20de%20coleta%20e%20analise%20de%20dados.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2010.